

O CEMITÉRIO, O TÚMULO E A FÉ: MEMÓRIA E ORALIDADE NAS DEVOÇÕES AO CANGACEIRO JARARACA EM MOSSORÓ.

Marcílio Lima Falcão

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

limafalcao34@gmail.com

Como espaço da cidade, o cemitério São Sebastião permite a visualização das fronteiras e transformações entre o final do século XIX e as primeiras décadas do século XX.¹ Margeando seus muros, a imponência dos túmulos da elite local abraçam os que ali se encontram.

Em seus corredores erguem-se construções fúnebres que unem famílias inteiras² e cujo valor simbólico faz do cemitério um espaço de memória³ da sociedade mossoroense. Permeando a produção dessas memórias, encontram-se narrativas que atraem a curiosidade de muitos que circulam em suas alas durante o dia de finados. Entre essas narrativas, a do cangaceiro Jararaca é a mais conhecida. Escrevendo no *Jornal Meeting*,⁴ em 1953, o jornalista Dorian Jorge Freire comenta que:

¹ No que se refere às transformações no espaço cemiterial, principalmente em relação à morfologia tumular, Antônio Motta afirma que “nos primeiros decênios do século XX inicia-se uma significativa mudança nos hábitos de enterramento e, com ela, novas formas de morfologia tumular irão gradativamente marcar os espaços cemiteriais, refletindo-se também no plano das representações e das atitudes que os vivos passam a dedicar aos seus mortos. É dessa época o gosto pelo túmulo individualizado, construído especialmente para abrigar um único indivíduo, com o intento de evocar traços reveladores da pessoa do morto, traduzido como expressão de afeto particularizado”. (MOTTA, Antônio. **Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 24. n°. 70. São Paulo. Out. 2009. p. 75.

² Segundo Henrique Sérgio de Araújo Batista, “o cemitério torna-se também um lugar de reunião da família. Se em vida não houve reunião, a morte apaga os percalços e a família torna a ser uma”. (BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na Morte como na Vida: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)**: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto, 2001. p. 20).

³ Pensando nas questões que envolvem memória e história, David Lowenthal afirma que “a história difere da memória não apenas no modo como o conhecimento do passado é adquirido e corroborado, mas também no modo como é transmitido, preservado e alterado. Aceitamos a memória como uma premissa do conhecimento; inferimos a história a partir de evidências que incluem as lembranças de outrem. Ao contrário da memória, a história não é dada, mas sim contingente: é baseada em fontes empíricas que podemos decidir rejeitar por outras versões do passado.” LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. In: Projeto História: trabalhos da Memória. São Paulo. n°. 17. nov. de 1998. p. 107-108.

⁴ O *Meeting* era um “mensário independente em prol da cultura de Mossoró” (**MEETING**, n° 1. julho de 1953. p. 03). Entre seus diretores podemos citar Dorian Jorge Freire, Jaime Hipólito Dantas e José de

Jararaca morreu no dia 19 de junho de 1927. Sobre seu fim paira ainda um insondável mistério. Afirmam alguns que o bandido foi assassinado. Outros dizem que foi morto quando procurava fugir. (...) Tive informações, no entanto, de que, quando soube que iria ser transportado para Natal, o cangaceiro teria dito saber que iam matá-lo, mas que veriam que um cabra de Lampeão morria sem dar um gemido. Diz a tradição, porém que Jararaca foi levado da cadeia ao cemitério onde obrigaram-no a abrir uma cova, cortaram-no a facadas, estriparam seus órgãos mais íntimos e jogaram-no na cova, ainda vivo. Há quem afirme, ainda, que ele foi conduzido para o cemitério e ali morto a coices de baioneta, não sendo verdadeiras as versões de que teria sido levado para Natal, morto a facadas, teria aberto sua cova e nela sido jogado ainda com vida. Sabemos, porém que a notícia da morte de Jararaca em Moçoró dificilmente pôde ser acreditada. O próprio chefe de polícia de Pernambuco descrevia que tivessem prendido Jararaca, “homem que não se deixa prender”. O fato é que ele não somente foi preso como também morto ou assassinado aqui. Há mesmo uma lenda que diz haver no cemitério local, ao lado da sepultura do criminoso, uma árvore que geme nas noites de chuva e chora toda vez que alguém se lhe toca.⁵

A morte de Jararaca deu muito que falar na imprensa mossoroense. Olhando para essa nota de Dorian Jorge Freire no *Meeting*, com o título “A verdade sobre a entrada de Lampeão em Moçoró”, a palavra mistério explicita o quanto a história de Jararaca continua no imaginário da cidade. Após 26 anos, a imprensa ainda enfocava o mistério sobre as condições em que teria ocorrido a morte de Jararaca. Essa história de que Jararaca teria cavado a própria cova e que teria sido enterrado vivo encontra no espaço cemiterial um ambiente de divulgação. Mas, é no túmulo, ou próximo a ele que a trajetória de Jararaca ganha força. O túmulo é o local de convergência, tanto para os que se sensibiliza como para quem continua a carregar na memória a imagem do cangaceiro.

Quando se observam os comentários dos que mantêm algum tipo de relação simbólica ou se posicionam a respeito de Jararaca, a piedade e a indiferença emergem como polos distintos na construção da memória sobre esse sujeito, e são fundamentais

Aragão Mendes e, entre os colaboradores, gente como Luis da Câmara Cascudo, Murilo Mendes e Aluisio Alves. O preço da revista avulsa era de Cr\$ 5,00 e a assinatura anual C\$50,00. Essa revista contava com correspondentes do Rio de Janeiro (Clara Pellegrino), São Paulo (Fernando Santiago), Salvador (Rosângela Moreno), Natal (João Batista Pinto) e Zona Oeste Potiguar (Raimundo Benjamin e Isaac Myro Faheina). Quanto ao seu conteúdo, estava voltada à publicação de contos, comentários sobre romances, cinema, indicativos de leitura, poesias, notícias locais e questões sociais locais e artigos sobre a cidade de Mossoró.

⁵ FREIRE, Dorian Jorge Freire. *Meeting*, n.º. 1, 2 e 3. Julho, Setembro e Outubro de 1953. Coleção Mossoroense. Série A. n.º. 44. 1991. p. 19-20.

para a produção de discursos que caracterizam Jararaca como injustiçado ou servem para reafirmar suas ações no cangaço.

Foi no túmulo, no dia 02 de novembro de 2008, que encontrei, por volta das 5h 00min da manhã, Maria José Evangelista do Amaral, uma aposentada de 63 anos, colocando flores e fazendo orações diante do túmulo de Jararaca.

Meses após, quando fui entrevistá-la em sua residência, Maria Evangelista comentou que foi por intermédio de sua mãe que tinha entrado em contato com a história de Jararaca.

Ela conversava comigo sobre ele. Era assim, muito ignorante, que chegava a sacudir a criança. Dizia que ele sacudiu a criança pra cima e aparou na ponta da faca, mas ele se arrependeu. Aí eu dizia: mamãe, como é que pode um homem fazer tanta maldade e acontecer isso, e ele se salvar?

Aí ela disse: É minha filha.

Mas eu tive um aperreio muito grande. Aí me apeguei com ele. (...) Aí eu comecei. Eu prometi a ele se eu alcançasse, eu acendia, enquanto eu fosse viva um maço de vela na cova dele. Aí todo ano eu acendo. Aí quando não dá pra acender, às vezes eu sacudo dentro da fogueira.⁶

A narrativa sobre Jararaca se dá por meio de uma memória de família. Escrevendo sobre esse assunto, Myriam Moraes Lins de Barros afirma que “a importância do grupo familiar como referência fundamental para a reconstrução do passado advém do fato de a família ser, ao mesmo tempo objeto das recordações dos indivíduos e espaço em que essas recordações podem ser avivadas.”⁷ Assim, a mãe de Maria Evangelista, enquanto narradora das histórias sobre Jararaca, aparece na lembrança de sua filha, caracterizando esse indivíduo de duas maneiras: a princípio, como um ser voraz, capaz de atitudes violentas diante dos indefesos (caracterização do bandido). No segundo, Jararaca é mencionado como um indivíduo que se arrepende do ato cometido. Os indícios sobre as circunstâncias em que esse arrependimento ocorreu não aparecem, mas proporciona uma justificativa para a salvação do bandido.

Na construção da memória, as experiências do indivíduo no presente influenciam na caracterização temporal e espacial do acontecimento, uma vez que a

⁶ AMARAL, Maria Evangelista do, 63 anos. Aposentada. Entrevista realizada no dia 22/05/2009 em sua residência, no bairro Santo Antônio, em Mossoró.

⁷ BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. In: Estudos Históricos: Memória. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1989. p. 33-34.

memória “é uma reconstrução do passado, a partir do presente, uma função psicológica do indivíduo, mas no processo social ela se constrói e se estrutura através de ressonâncias que derivam das relações e vivências coletivas.”⁸ Uma coisa é vivenciar o acontecimento, outra é lembrá-lo anos depois. São por essas questões que, ao se lembrar das conversas que tinha (na infância) com sua mãe, Maria Evangelista quebra a linearidade de seu relato quando lembra o questionamento feito a sua mãe. Depois de se lembrar dessa passagem de sua infância, comenta sobre sua devoção.

Raimunda Gomes de Souza foi outra entrevistada que conheci no cemitério, quando acendia suas velas e fazia suas orações no dia de finados de 2008. Em seu relato, diz que:

Eu não fui criada nem com pai, nem com mãe, mas eu fui criada por meus avôs. Foi na Fazenda Santa Júlia, na época era a Fazenda Cipó. Eu morava com meus avôs, então eu trabalhava na enxada, pequenininha com meus oito, nove, dez anos. Eu trabalhei muito em roça, nessas coisas. Meus avôs não deixavam passear. Não deixavam eu ir pra canto nenhum. Eu era muito presa. Você sabe! Esse povo muito antigo não deixava as filhas sair. Eu não saía pra canto nenhum, só era trabalhando. Minha infância foi essa. Sou católica, tudo da minha família era católico. Não estudei. Meus avôs nunca é que deixaram nós estudar. Só era trabalhando, só trabalhando na roça. Nunca estudei, mas meus avôs conversavam muito sobre ele, porque eles foram do tempo né. Foi no tempo que ele entrou aqui, eu mesma não conheci, porque eu não sou desse tempo, mas meus avôs conheciam e nós tínhamos muito medo. Aí tudo passou, passou, passou e eu me casei com Nenê. Aí eu já ouvia meu avô falar em Jararaca, nesse povo aí que eles tinham muito medo. Aí um dia eu só vivia indo pro cemitério com Nova. Ela era minha irmã, a que morreu. Aí, eu ia mais Nenê acender as velas lá nas covas dos finados que já tinha morrido. Meu avô e minha avó já tinham morrido. Aí, eu olhava pra cova dele, que não era como essa agora. Era assim pobrezinha, e via aquela labareda de fogo só de velas. Aí eu cheguei assim e disse:

- E o porquê disso? Isso é um homem ou é um menino.

- Não, é Jararaca. Ah! A cova de Jararaca é aqui!⁹

Raimunda Gomes apresenta todo um contexto, desde a infância com os avós na fazenda, as histórias que eles contavam sobre o medo que a população local tinha dos cangaceiros, sobre a invasão a Mossoró e a respeito do túmulo de Jararaca. Nessas

⁸ WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. VELÔSO, Telma Maria Grisi. (orgs.) **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. – Campina Grande: EDUEP, 2005. p. 05.

⁹ SOUZA, Raimunda Gomes de. 74 anos, aposentada. Entrevista realizada no dia 22/05/2009 em sua residência no bairro Santo Antônio, na cidade de Mossoró.

circunstâncias, as memórias que aparecem no relato de Raimunda Gomes reforçam a idéia de que o narrador:

Expressa em sua fala seu contexto ideal, pois traz de volta coisas perdidas no tempo. Ele as significa e as coloca em movimento como um mecanismo de compor pedaços de uma história que, ao ser vivida, demonstra a possibilidade de trazer dados que se conectam com o imaginário da época. Ao que tudo indica, o narrador diz de um mundo que ele construiu com cacos que restaram do passado.¹⁰

Para Tereza Gomes dos Santos, que é aposentada e trabalha de zeladora de túmulos há 30 anos no Cemitério São Sebastião,

a história do cangaceiro Jararaca foi o seguinte: Ele foi baleado e ficou lá nas carnaúbas, passou um homem e ele mandou o homem comprar um remédio e no canto desse remédio, o homem trouxe a polícia. Aí ficou preso e sofreu muito. Dizem que ele foi enterrado vivo... Dizem que ele foi enterrado vivo. O túmulo dele era bem baixinho, uma coisinha pequena. Aí um homem de Caicó se apegou com ele, pois não arrumava serviço de jeito nenhum, tava parado. Aí pegou e se pegou e passou uma semana aí fazendo o túmulo dele. O túmulo é de cerâmica. Aí pronto. Um dia eu tava muito aperreada mesmo, não sabia o que fazia. Aí peguei no túmulo dele e me apeguei com ele. Aí apareceu o que eu pedi, e depois eu pedi de novo e fui atendida. Aí eu vou lá, lavo o túmulo dele, acendo vela, é muito bom.¹¹

Com esse relato, Tereza Gomes apresenta indícios de que a história sobre Jararaca é uma apropriação feita a partir da circulação das narrativas produzidas pelos memorialistas que escreveram sobre o acontecimento¹² e que o túmulo é o elo que liga os vivos a Jararaca, sendo espaço sagrado onde se pede e se agradece. Outro ponto citado nessa fala diz respeito à possibilidade de Jararaca ter sido traído e enterrado vivo. Sobre essa traição o cordelista Concriz fez os seguintes versos:

¹⁰ FERREIRA, Amauri Carlos. GROSSI, Yonne de Souza. **A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios**. In: História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 7. – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. p. 56.

¹¹ SANTOS, Tereza Gomes dos, 79 anos. Aposentada. Entrevista realizada no dia 11/12/2009 em sua residência, no bairro Santo Antônio em Mossoró. Dona Tereza é uma das zeladoras que narra as histórias sobre o cangaceiro em Mossoró e sobre as visitas ao túmulo.

¹² Tanto Raimundo Nonato (Lampião em Mossoró), como Raul Fernandes (A Marcha de Lampião: assalto a Mossoró) comentam sobre a denúncia de que Jararaca estava no carnaval, próximo à estrada de ferro.

Mas Jararaca ficou
Não pode caminhar
Debaixo de uma ponte
Um solitário lugar
Aquele cabra valente
Ficou a se lamentar.

Depois ele viu um velho
Ali por perto rondando
Apontou-lhe o parabellum
Terminou não atirando
Pois da ajuda do velho
Estava necessitando

Ele disse: - Oh, meu velhinho
Lhe peço que me ajude
Me dê remédio e comer
Para eu tirar fome e grude
Eu lhe dou muito dinheiro
Se você me der saúde.¹³

A capacidade do cordelista em apreender as informações e leituras sobre o acontecimento e articulá-las em versos, dando-lhe uma sequência lógica e cronológica ao acontecimento, facilita a assimilação do fato. Tereza Gomes afirmou que nunca leu nada sobre a traição e morte de Jararaca, mas, em seu relato, especifica muito bem como os fatos aconteceram. Isso é possível, porque existem muitas formas de circulação da narrativa sobre Jararaca, entre elas o cordel.

O velho disse: pois não
Vou lhe atender com perícia.
Em vez de ajudar mesmo
O velho foi à polícia
E sem ninguém perguntar
Ele deu logo a notícia

Os soldados foram ver
Jararaca pra cadeia
Ele parecia um bicho.
Com a cara muito feia
Como quem diz “jamais pago
As honras de filhas alheia”

Inda passou alguns dias
Na prisão de Mossoró

¹³ SILVA, José Antônio da. **Jararaca Arrependido porque matou um menino**. Mossoró. – Queima-Bucha. 2006. p. 04. (Cordel)

Dando entrevista ao jornal
Todo inquirido de nó;
Como ninguém encostava
Vivia num canto só.

Foi morto enterrado
Covardemente traído
Com uma perna quebrada
Sangrando sem dar gemido
Dizem que quem lhe matou
Era muito mais bandido.¹⁴

Quanto aos versos, nota-se que o autor produz em seu diálogo uma caracterização dos indivíduos apresentados: Jararaca é citado como se fosse um bicho, perigoso e irredutível diante dos soldados, logo o indivíduo que o matou é revestido das mesmas características do bandido. A forma como o cordelista se posiciona sobre a prisão e morte de Jararaca, afirmando que foi covardemente traído nos leva a pensar na importância desse fato para a construção da memória que tem Jararaca como um injustiçado e milagreiro.

O medo da morte e de ser enterrado vivo se mantém no imaginário e suscita discussões sobre as novas atitudes do homem diante da morte, mas escrevendo sobre a origem do medo da morte no século XIX, Philippe Ariès comenta que “efetivamente, existe uma ponte entre os dois mundos, que é o medo de ser enterrado vivo e a ameaça da morte aparente.”¹⁵ Essas preocupações fazem parte do imaginário e contribuem na produção de memórias sobre esses sujeitos, daí a existência de práticas devocionais em cemitérios.

A presença das pessoas que frequentam o túmulo de Jararaca é intensa durante o dia de finados. Para Carmelita Almiranda, estar diante do túmulo de Jararaca é estar feliz: “sinto uma alegria, muito amor perto dele ali. Quando vou pra o túmulo parece que é um milagre em cima de mim. Eu tenho muita fé nele.”¹⁶

¹⁴ SILVA, José Antônio da. op. cit. p. 05.

¹⁵ ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**; tradução: Priscila Viana de Siqueira – Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p. 157.

¹⁶ PERREIRA, Carmelita Almiranda. 54 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 18/12/2010, em sua residência no bairro Belo Horizonte, na cidade de Mossoró.

Carmelita Almiranda não conhece as histórias sobre Jararaca, nem quando ele era cangaceiro do bando de Lampião. Carmelita só manteve contato com as narrativas que o apresentam como fazedor de milagres.

A gente morava lá no sertão. Aqui a gente já mora no que é dá gente! A gente não tem ganho que preste, mas a gente vai levando a vida até Deus melhorar. O negócio é ter fé em Deus. Já tenho meu ranchinho pra morar. Não tem coisa melhor, né? Agora, trabalho tá faltando aqui pra eu e ele (marido). Ele tem idade de se aposentar, mas ela ainda não chegou. E eu também tô pelejando, mas ainda não chegou, mas tá bom. Quando cheguei aqui em Mossoró uma pessoa que falou que a cova de Jararaca passava muito na televisão. (Grifo do autor) Que ele fazia milagre e que ajudava a muita gente. Aí eu peguei e fui lá. Aí pronto todos os anos eu vou lá, mas antes disso se eu precisar, eu vou. Foi assim que comecei a ir lá. Quando pensa que não, eu estava lá acendo uma vela pra ele. Quando chega perto do dia de finados já vou me lembrando. Na hora que vou para o cemitério, vou direto pra lá. Tudo que peço eu alcanço. Até hoje, eu alcanço. Graças a Deus. Nunca pedi nada a ele que não foi com fé.¹⁷

Cearense, de Tabuleiro do Norte, Carmelita Almiranda chegou a Mossoró em 1970. Veio em busca de dias melhores com o esposo, e logo se deparou com as narrativas sobre Jararaca. Seu depoimento mostra que sua fé não veio somente das narrativas circulantes na oralidade, mas também da televisão. É nesse trânsito de ouvir a narrativa e ir ao túmulo que esses sujeitos constroem sua relação com Jararaca e, após a primeira visita, a experiência no túmulo de Jararaca modifica o próprio trajeto das visitas futuras.

Francisca de Oliveira Sinésio comenta que visita o túmulo de Jararaca porque tem “pena dele por aquela morte muito trágica. Mataram ele. Dizem que ele não tinha morrido direito. Aí me dá aquela pena, né? Aí cada vez que eu vou ao cemitério, eu vou à cova de mãe, de pai e eu tenho que passar na cova dele, toda vida.”¹⁸

Visitado durante o dia de finados, o túmulo de Jararaca é a construção fúnebre que mais atrai atenções. Muitos passam em frente ao túmulo por curiosidade e escutam as narrativas sobre Jararaca. Histórias de que Jararaca teria suplicado aos soldados para não matá-lo, de que quebraram suas pernas e que o mesmo cavou a própria cova e que fora enterrado vivo.

¹⁷ Idem.

¹⁸ SINÉSIO, Francisca de Oliveira. 48 anos, doméstica. Entrevista realizada no dia 29/12/2010 em sua residência no bairro Aeroporto II, na cidade de Mossoró.

Existe a narrativa de que todo ano o túmulo racha, sendo que muitos acreditam que é Jararaca querendo sair de sua prisão. Dessa forma, as atenções no cemitério estão voltadas ao túmulo de Jararaca, com seus pedintes, curiosos e inconformados com tal prática.

As narrativas sobre a vida de Jararaca e a construção das devoções nos fazem pensar no túmulo como espaço simbólico para a produção e divulgação das memórias sobre Jararaca. Percebe-se que os comentários feitos pelos zeladores de túmulos sobre a localização do túmulo de Jararaca e sua história são marcantes. É como se esses sujeitos estivessem a serviço da divulgação do túmulo. Seus comentários chamam a atenção dos que circulam no corredor principal do Cemitério São Sebastião e ativam a curiosidade.

Ao lado esquerdo da ala principal do Cemitério, aproximadamente a 60 metros da entrada e 20 metros do corredor principal encontra-se o túmulo de Jararaca. Lá, curiosos e devotos transitam durante o dia de finados para orar, pedir ajuda, criticar ou simplesmente olhar. É um espaço que atrai, tanto pela curiosidade das histórias contadas sobre a vida e a morte de Jararaca, quanto pelas histórias do bandido (matador de criança, saqueador, frio, cruel) ou do milagreiro, que intercedeu na resolução dos problemas cotidianos desses sujeitos.

É um momento em que as práticas desses sujeitos, diante do túmulo, são confrontadas com as memórias oficiais sobre os cangaceiros. Nesse campo de batalha, as incessantes lutas favorecem outros olhares sobre a ação dos vivos, que em visita à cidade dos mortos, evidencia a complexidade da fabricação da memória.

Atendo-se ao local onde Jararaca está sepultado, os devotos vão agradecer ou rogar por novos pedidos. No entanto, quando entrevistados, esses sujeitos passam a expressar suas dúvidas diante da salvação e santificação de Jararaca, como fez Tereza Gomes dos Santos, ao afirmar em seu relato que:

Ele não é santo, mas obra milagre. Aquele milagre que a gente pede, ele obra, mas santo ele não é não. Eu acho que ele tá num canto bom, porque, se a gente tá aperreada e se apegando a uma pessoa e é válida, essa pessoa tá num canto bom. Só pode dizer que tá num canto bom, mas santo ele não é. Santo não, porque ele fez muita perversidade, também. Furou um seio de uma moça, matou essa criança, tudo isso, mas na hora da morte ele se arrependeu. Eu não sei se a família dele veio ao cemitério esse ano. Eu fui ao cemitério, mas não sei se eles vieram. Às onze horas era muita vela acesa. Já veio muita gente de

Fortaleza, vem gente de todo canto pra lá. É eu digo porque eu vi as velas acesas e tudo.¹⁹

É possível separar um santo da capacidade de realizar milagres? Ou os milagres se configuram como possibilidade independente da condição de santo?

Tereza Gomes dos Santos expressou sua sensibilidade ao falar a respeito dos pedidos que fizera a Jararaca.

Pedi sossego, descanso. Pedi a ele pra me amostrar a minha aposentadoria. Antes eu vivia juntando cobre lá na caixa d'água. Eu queimava e fazia um bolão de cobre pra vender, mas eu também juntava lata pra vender. E pagava, pagava. Quando foi com sessenta anos eu tava internada lá no São Camilo, aí o doutor cortou o meu atestado e não botou mais, mas continuei pagando. Aí quando eu completei 60 anos, a assistente social do IPERN teve lá na reunião dos véi, aí disse: quem pagou e que tiver 60 anos pode ir que se aposenta. Aí eu fui, era só um dia pra ele liberar que eu tinha um dinheiro dentro. Aí eu pedi pra ele liberar. Era o Dr. José Brasil, pedi a ele pra liberar só um dia que era pra eu receber meu dinheirinho. Ai ele disse: o que é que você tem? Eu disse: o senhor sabe. O senhor que deu fim ao meu atestado, o senhor sabe. Aí ele ficou com raiva e ainda me deu três meses. Aí com 60 anos e três meses eu recebi. Aí me agoniei logo, não deixei nem terminar direito. Aí eu subi e me aposentei.²⁰

A narrativa acima aponta dificuldades tanto de saúde como financeiras. Viúva, portadora de problemas psicológicos, zeladora de túmulos no Cemitério São Sebastião, essa senhora encontra em Jararaca uma fonte de refúgio e de apelo para interceder na resolução de seus problemas. Seu relato nos indica as dificuldades vividas como catadora de metais nas ruas de Mossoró e sua luta para pagar a previdência social.

MARCILIO – Como a senhora retribui a Jararaca as graças alcançadas?

TEREZA – Eu rezo e acendo as velas pra ele. Eu gosto de acender lá. Quando passa o dia de finados, o túmulo fica bem pretinho. Depois a gente limpa. Boto umas rosinha. O negócio é a gente ter fé. Olhe, se a gente for fazer uma coisa e não tiver fé, o negócio não vai não.

MARCILIO – Mas ele não era bandido?

¹⁹ SANTOS, Tereza Gomes. Entrevista realizada no dia 11/12/2009.

²⁰ SANTOS, Tereza Gomes. Entrevista realizada no dia 11/12/2009.

TEREZA – Mas na hora da morte ele se arrependeu, e foi atendido, porque o que ele fez e tá obrando milagre. O senhor pede a ele uma coisa de coração, com fé. O senhor vence. Se pedir uma coisa com fé, de coração, o senhor vence! Pedindo com fé. Só serve com fé! As coisas da gente só servem com fé! Sem fé não vence.²¹

As rezas e velas acesas no túmulo são a marcação do compromisso assumido diante da possibilidade de conseguir o que foi pedido. Em sua fala, a relação entre o devoto e o santificado é reforçada a partir da condição individual da fé. A fé é a parte do devoto para a existência do Jararaca milagreiro.

Carmelita Almiranda comenta que:

Ele é mais do que santo. Eu acho que seja, porque do jeito que ele foi, né, e como faz milagre, então é santo. O negócio é ter fé. Sem fé não adianta. Eu mesmo tenho fé. Já botei intenção na missa pra ele. Uma missa aqui no Belo Horizonte. Botei com o nome de Zé Leite. Sempre rezo e peço milagre. Peço que ele olhe pra situação da gente.²²

Diferente de Tereza Gomes, Carmelita Almiranda não pensa que Jararaca não é santo, e retoma a importância da fé para a realização do milagre. O lugar preferido para os rituais é o cemitério, no dia de finados, mas esta prática também acontece no espaço familiar. Em sua residência, costuma rezar um “pai nosso, uma ave-maria, um creio em Deus Pai,”²³ enquanto que no túmulo gosta, “de ascender velas”: “Pra clarear mais a vida das pessoas, né? A vela clareia a vida da pessoa e reza e mais a vida dele, né?”²⁴

As formas de agradecer os milagres pouco se diferenciam quanto à forma do ritual, porém quanto ao espaço, as mudanças são mais visíveis, pois entre os entrevistados existem os que frequentam o túmulo de Jararaca como único local de agradecimento e outros, além de visitarem o túmulo em outras datas, realizam alguma forma oração fora do espaço tumular.

Cecília Serafim fez um pedido a Jararaca para que seu filho conseguisse um emprego e, se alcançasse esse pedido, pagaria sua promessa acendendo “cinco caixas de

²¹ SANTOS, Tereza Gomes. Entrevista realizada no dia 11/12/2009.

²² PERREIRA, Carmelita Almiranda. Entrevista realizada no dia 18/12/2010.

²³ PEREIRA, Carmelita Almiranda. Entrevista realizada no dia 18/12/2010.

²⁴ Idem.

velas pra ele. Ele arranjou e eu fui acender. Eu pedi com fé, mesmo.”²⁵ Nota-se que os pedidos não diferem dos que são feitos aos santos oficiais.

MARCÍLIO – A senhora reza pra ele só lá no túmulo?

CECÍLIA - Não, eu rezo em casa, também. Rezo um pai nosso pra ele. Só que eu não rezo todo dia. Eu não tenho devoção pra ele. Não é bom fazer devoção pra alma. A gente reza, mas não tem devoção. Acendo velas em casa e lá no túmulo. Lá eu fui pra agradecer. Eu tinha feito pra acender lá. Eu já tinha ido ao túmulo dele acender velas, mas foi a primeira vez com promessa. Eu tinha uma irmã e um neto enterrado lá. Aí a gente vai ao túmulo deles e depois ao dele. Faz muito tempo que eu visito o túmulo dele. Eu cheguei aqui em 1970, mas não sei bem o ano que comecei a visitar.²⁶

Entre o pedido e o alcançado existem mudanças expressivas que delineiam a ritualística do agradecimento. Assim, ao expressar sua relação com Jararaca, Cecília Serafim afirma que não mantém devoção, mas faz orações e acende as velas prometidas por conta do pedido alcançado. Se, por outro lado, sua fala expressa a preocupação em não fazer devoção à alma, por outro se nota o quanto é complexa essa relação mantida diante de Jararaca.

Um pedido ao santo oficial ou não, nunca é feito à toa, porque se faz necessário ter um mínimo de conhecimento sobre a vida ou os “poderes” miraculosos de quem é aclamado. Mesmo que não conheça a trajetória pessoal ou a construção da santidade, esses sujeitos tiveram algum contato sobre qualquer aspecto da vida do santo, pois a afinidade de quem pede com a história de quem pode oferecer é, a meu ver, um elemento importante no ato que constrói a relação com o transcendente.

No Brasil, a existência de muitas devoções populares é feitas por conta da força discursiva e imagética promovida pela Igreja ou por meio das ordens religiosas ao longo do processo de cristianização. Santos como São Francisco e Santo Antônio (exemplos mais evidentes) possuem grande aceitação popular, mas suas histórias pessoais são pouco conhecidas pelos devotos das camadas mais humildes da população, mas isso não impede a construção das crenças.

²⁵ PINTO, Cecília Serafim. Entrevista realizada no dia 20/12/2010.

²⁶ Idem.

Desligado de qualquer instituição que o tenha como mártir, Jararaca consegue ser visto por seus “devotos” como vítima.

MARCÍLIO – Por que a senhora reza pra Jararaca?

CECÍLIA – Por que tenho vontade de rezar. Que se for do jeito que o povo diz, ele morreu de uma morte muito aperreada. Quem sabe se ele não precisa de reza, de missa. (Grifo do autor)

MARCÍLIO – A senhora já pediu pra celebrarem alguma missa pra ele?

CECÍLIA – Não, pedi não. Mas qualquer dia eu vou mandar celebrar uma missa pra ele. Eu não sei se ele tem família. Às vezes a pessoa tem precisão, mas não tem ninguém que mande celebrar uma missa.²⁷

A necessidade de um culto organizado e oficial, como a missa, surge no imaginário dessa devota como forma de ajudar a Jararaca em sua salvação. O interessante é que dona Cecília recorre a Jararaca devido a uma precisão e posteriormente suas orações e velas se transformam em ajuda à Jararaca, coisa que não acontece com os cultos oficiais. Essa inversão é peculiar, pois ninguém se relaciona com um santo, como São Francisco, na intenção de ajudá-lo, uma vez que a salvação oficial dos santos não é questionada. Os santos oficiais são vistos como seres transcendentais que estão a serviço dos necessitados. No entanto, recorre-se a Jararaca não por essas particularidades que os santos católicos possuem, nem por estar salvo, mas pela possibilidade de estar em trânsito: entre as condições em que morreu (a noção de mártir), fato que o torna especial nesse simbolismo construído no catolicismo popular.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**; tradução: Priscila Viana de Siqueira – Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARROS, Myriam Moraes Lins de. **Memória e Família**. In: Estudos Históricos: Memória. Rio de Janeiro, vol. 2, nº. 3, 1989.

²⁷ PINTO, Cecília Serafim. Entrevista realizada no dia 20/12/2010.

BATISTA, Henrique Sérgio de Araújo. **Assim na Morte como na Vida: Arte e Sociedade no Cemitério São João Batista (1866-1915)**: Museu do Ceará/Secretaria da Cultura e Desporto, 2001.

FERREIRA, Amauri Carlos. GROSSI, Yonne de Souza. **A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios**. In. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral, n. 7. – São Paulo: Associação Brasileira de História Oral.

FREIRE, Dorian Jorge Freire. **Meeting. nº. 1, 2 e 3. Julho, Setembro e Outubro de 1953**. Coleção Mossoroense. Série A. nº. 44. 1991.

LOWENTHAL, David. **Como conhecemos o passado**. In: Projeto História: trabalhos da Memória. São Paulo. nº. 17. nov. de 1998.

MOTTA, Antônio. **Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 24. nº. 70. São Paulo. Out. 2009.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. VELÔSO, Telma Maria Grisi. (orgs.) **Oralidade e subjetividade: os meandros infinitos da memória**. – Campina Grande: EDUEP, 2005.

SILVA, José Antônio da. **Jararaca Arrependido porque matou um menino**. Mossoró. – Queima-Bucha. 2006.